

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**TRAJETO TEMÁTICO, MEMÓRIA E EFEITO DE SENTIDO
EM VERSÕES RITUAIS TELEJORNALÍSTICAS**

Renata Marcelle Lara Pimentel

renatamlara@yahoo.com.br

Doutora em Linguística

Centro Universitário de Maringá (Cesumar)

A expressão “trajeto temático”, enunciada por Guilhaumou e Maldidier (1997), significa em minha investida teórico-metodológica o percurso que coloca em relação, no campo da noticiabilidade telejornalística, questões político-econômicas na construção da(s) imagem(ns) do Governo Lula, em torno do final do primeiro mandato, já afetado pela reeleição, e em meio a perspectivas do segundo. Esse momento sócio-histórico da conjuntura político-brasileira, tomado para análise, que se marca não só pela reeleição de um governante petista no Brasil, mas de um Lula Presidente do Brasil pela segunda vez seqüencial, configura um acontecimento discursivo, “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”, tal como compreende Pêcheux (1997, p. 17), que ecoa no/pelo conjunto de matérias, no campo televisivo, construindo uma dada discursividade sobre o governo Lula.

O trajeto temático foi sendo esboçado no encontro entre matérias que noticiavam, em quatro telejornais, eventos jornalísticos ligados a tal momento sócio-histórico, focalizando aspectos político-econômicos. Um dos eventos analisados é o pedido de demissão de Luiz Gushiken, então chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos (NAE) do governo Lula, e considerado um dos homens fortes da primeira fase desse governo. Gushiken foi ministro da Secretaria de Comunicação até julho de 2005, quando é transferido para o NAE, sob suspeita de envolvimento com o Valerioduto (esquema de caixa dois). O outro evento jornalístico relacionado à economia política do/no Governo Lula, se configura em torno das discussões de propostas por parte do governo para gerar crescimento econômico.

Compreendendo que “um discurso institucional não existe sem uma história que o constitui”, como explicita Mariani (1998, p. 70), o objetivo deste estudo é explorar, em meio ao trajeto temático, que memória(s) se põe(m) em funcionamento, e de que forma, na construção da(s) imagem(ns) desse

governo. Ao considerar o funcionamento da memória nesses entremeios discursivos, e seu lugar constitutivo dos sentidos na relação com o formulado/formulável, busco explicitar como se sustenta e se desestabiliza o efeito notícia pelos des-encontros entre verbal e imagem em meio a visibilizações e apagamentos no ritual telejornalístico, sujeito a *falhas* (rupturas da ordem ideológica). Baseado na Análise de Discurso francesa, interrogo que versões se constroem para o mesmo evento, nos materiais analisados (Jornal Nacional, SBT Brasil, Jornal da Record e Jornal da Band), na composição entre verbal e imagem, considerando o verbal-visual a materialidade específica do telejornal.

Trajetos do (não) dizer

No material analisado, a notícia se constrói e se sustenta no encontro entre imagem-apresentador, imagem-apresentador-âncora, imagem-comentarista e enunciados narrados por esses sujeitos, desses lugares institucionais(lizados), produzindo um efeito de isenção na condição de “intermediadores” (ponte) entre o “fato” e o telespectador, seja do lugar de apresentador como alguém “isento de interpretação”, seja como apresentador-âncora, capaz de comentar/analisar assuntos, ou mesmo um especialista econômico ou político autorizado, institucionalmente, a comentar fatos.

A especificidade telejornalística se faz na *re*-tomada de um sistema no qual as técnicas, os métodos, as regras e as proposições conduzem a uma notícia que se quer autônoma: não ser posta a ver como uma produção de um sujeito, mas requerendo um responsável institucional habilitado e autorizado a dar a ver uma realidade como sendo *a realidade*. Esse sujeito institucional(izado) “livra” o dizer do anonimato, mas, ao mesmo tempo, dá a ele um *status* de autonomia, requerido para que o efeito de verdade funcione. Até quando se recorre ao comentário, tecnicamente num espaço autorizado à opinião, do lugar de comentarista, a autoridade do analista/especialista em uma dada área, é requerida para validar um efeito notícia já em funcionamento no ritual.

No Jornal Nacional, a noticiabilidade em torno de Gushiken aparece em forma de *nota pelada*. Neste caso, a versão se constrói sustentada na própria imagem do apresentador, do lugar de inquestionabilidade, já que está autorizado a dizer, de forma tida como legítima. Nas notas cobertas, pelo silenciamento e apagamento de sujeitos e sentidos, na super-exposição de *cenários de realidade*.



Em *nota pelada*, Fátima Bernardes noticia: “[...]. Gushiken foi ministro da Secretaria de Comunicação até julho do ano passado, e era considerado um dos homens fortes do governo. Ele deixou a secretaria em meio a denúncias de envolvimento com o Valerioduto. O ex-ministro responde ainda a suspeitas de irregularidades na distribuição de cartilhas com propaganda do governo. [...].”

Sustentando-se na posição-sujeito jornalista, no apagamento da autoria, o efeito informacional *super*-expõe uma instabilidade do governo, resultante das denúncias em circulação na mídia desde meados de 2005, quando Gushiken perdeu o *status* de ministro, sendo transferido para o (NAE). O *aceite* do pedido de demissão pelo presidente e a alegação de Gushiken, segundo o JN, de que “quer

deixar o presidente à vontade para compor o ministério no segundo mandato”, retomam o desgaste, já evidenciado na *escala*, da relação política e de amizade entre eles, que teria, segundo interpretação jornalística, levado Lula a preservar, antes a sua imagem no governo, do que a amizade com Gushiken. A explicitação do envolvimento de Gushiken em denúncias de irregularidades e a fragilidade de suas justificativas frente aos demais partidários envolvidos em acusações, convalidam a negativização.

Embora Gushiken seja notícia na *escalada* do SBT Brasil, não há *reportagem* sobre ele, apenas uma referência em final de *reportagem* e uma *nota pé*, dando fechamento ao texto do repórter:



Nota Pé: “[...] Luiz Gushiken disse ao SBT Brasil, por telefone, que está abandonando a política, e que vai morar em Indaiatuba. Segundo ele, quando se chega ao patamar máximo na guerra, deve-se sair. [...]”

O abandono da política, noticiado já na *escalada* do telejornal e reafirmado na *nota* pela apresentadora Ana Paula Padrão, é tornado, telejornalisticamente, verdadeiro quando, da conjunção entre o texto verbal (“Luiz Gushiken disse ao SBT Brasil, por telefone, que está abandonando a política.”) e a imagem-apresentadora, o discurso telejornalístico se valida. A explicitação, na função apresentadora-âncora, e da posição-sujeito jornalista, de que tal informação teria sido repassada ao SBT Brasil pelo próprio Gushiken, via telefone, interdita, na relação com o telespectador, qualquer possibilidade de se questionar a “veracidade da notícia”. Nos *frames* de imagens de Gushiken, veiculados no *off* final da reportagem sobre Lula/Chávez, assim como exibido na *escalada*, o texto verbal encontra sua eficácia no olhar cabisbaixo do ex-ministro. A representação de Gushiken, na imagem, valida tanto a versão sobre a assunção da culpa, resultante de uma interpretação telejornalística do pedido e aceite de demissão, como a “preferência” de Lula por resguardar sua imagem a preservar a amizade de Gushiken.

Confrontadamente a um Gushiken de olhar cabisbaixo, exposto pela materialidade visual no SBT Brasil, ao final de uma reportagem sobre Lula na Venezuela, no Jornal da Band a imagem expõe um Gushiken de cabeça erguida, com olhar dirigido a um interlocutor. Mantém-se, contudo, a seriedade do olhar, e o isolamento do sujeito; efeito produzido *no* e *pelo* enquadramento da imagem.



Frame do SBT Brasil



Frame do Jornal da Band

No Jornal da Band, a conjunção entre o verbal e a imagem sinaliza “o fim de um período do governo Lula”; o que vai ser sustentado no *corpo* do telejornal, quando o jornalista Ricardo Boechat, do lugar de apresentador-âncora, dialoga com o comentarista político Franklin Martins.



Boechat: “Depois de muita fritura e desgaste, o ex-ministro Luiz Gushiken, que hoje chefiava, até hoje, o Núcleo de Análises Estratégicas do Governo, deixou o governo Lula”. / *Pergunta dirigida a Franklin Martins:* “Franklin Martins, o que que é isso? Mais um homem importante, ou ex-homem importante, saindo da equipe de Lula [?!]”. / *Comentário de Franklin Martins:* “Lá se foi o último dos moicanos, ou melhor, Boechat, o último dos samurais. Junto com José Dirceu e Antonio Palloci, Gushiken compunha o chamado núcleo duro, no início do governo Lula. [...] Discreto, mais amigo de Lula do que dirigente do PT, Gushiken não tinha um projeto político próprio. [...] Gushiken deixou o Ministério da Comunicação Social no ano passado, dizendo que queria estar livre pra se defender das acusações de que seria vinculado ao esquema do Valerioduto”. / *Nova pergunta a Martins:* “Agora, o Gushiken que já foi tão íntimo e tão influente no núcleo ali, que cerca Lula, tá chateado com o presidente?” / Franklin Martins: “Ele diz que não. Mas a verdade é que ele esperava mais solidariedade de Lula quando foi atingido, e nunca perdeu isso. O fato é que sua saída simboliza o fim de um ciclo. O ciclo em que o PT era todo poderoso na cozinha do Palácio do Planalto, e Lula ainda precisava dos velhos companheiros para se aconselhar na hora de dar os passos decisivos. De lá pra cá, o núcleo duro virou mingau, o país viveu a crise do mensalão, e depois assistiu à volta por cima, de Lula, nas últimas eleições presidenciais. É um outro presidente agora, é um outro governo, é um outro momento. Gushiken vai pra casa, diz que está zen, Boechat, e Lula continua no palácio com a corda toda”. / Comentário de Boechat: **“Mais zen ainda.”** [risos]

Da mesma forma que Gushiken significa/é significado, nos outros telejornais, na relação com o governo, no JB essa relação também se estabelece. Contudo, não como sinônimo de fracasso ou esfacelamento do governo, mas de ruptura e transformação. Não se trata de questionar um Lula que “abandona o amigo” em defesa da auto-imagem ou mesmo de negá-lo na reprovação de sua equipe, recorrendo a princípios éticos e a ideais democráticos, mas possibilitar o funcionamento da memória que expõe as peripécias e equívocos de um governo, que, em virtude disso, vem se reestruturando.

O JB mostra, no funcionamento do *político* (divisão do sentido) na política, a abertura produzida pela *falha* desse ritual de governabilidade. O que significa apontar, no desvelamento dos erros do governo Lula, aberturas a transformações nele mesmo e a partir dele. A demissão de Gushiken, longe de *re*-afirmar mais uma fragilidade do governo, desmascarando-o para desmascarar Lula, anuncia o fim de uma situação insustentável que precisava ser revista, inclusive, no que tange à amizade *no* e para além *do* campo político. Quanto à economia política, a novidade em torno das propostas do governo para gerar crescimento econômico se constrói no gênero *comentário* político.



Joelmir Beting: “[...] a equipe econômica vai apresentar ao presidente Lula o esboço do primeiro pacote de bondades pós-reeleição: o da redução da carga tributária de setores básicos, empenhados em ampliação e modernização da produção. [...] Agora, se certos gastos forem realmente enxugados, haverá condições para rebaixar também os juros e não apenas os impostos. É ver, pra crer.”

No comentário, a postura crítica frente ao governo, já observada em recortes que focalizavam outras notícias telejornalísticas, continua em funcionamento. Pela linguagem metafórica expressa em o

“primeiro pacote de bondades pós-reeleição”, Beting levanta dúvida e apresenta uma descrença quanto à possibilidade de que a redução proposta possa mesmo se efetivar ou se seria apenas uma jogada política, *de*-marcando uma nova fase do governo Lula. No entanto, tal descrença não chega a provocar propriamente um efeito de interdição dessa possibilidade, mas expõe o que, efetivamente, tende a inviabilizá-la. Nesse caso, o efeito notícia que funciona na opinião, no reconhecimento desta e na autoridade do sujeito que opina, não chega a fechar os sentidos para o governo Lula na negativização.

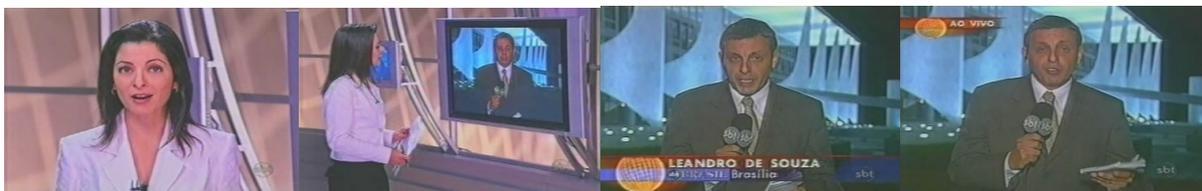
Diferentemente do JB, o JN apresenta a notícia sobre crescimento econômico, tecnicamente, no campo jornalístico informacional. O texto é em formato *nota pelada*, narrado por William Bonner:



Nota Pelada: “Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, do Ministério do Planejamento, nos próximos anos o Brasil não tem condições de crescer 5% ao ano, como prevê o Governo. [...]”.

Da posição-jornalista, o apresentador-âncora se coloca na condição de discutir o fato, ainda que se mantenha, jornalisticamente, no campo informacional. A autoridade de um especialista em economia, que falta ao apresentador, é substituída pela autoridade do jornalista, capaz de expor informações de autoridades na área, confrontando-as, de modo a “revelar” uma realidade. No campo informacional, o JN nega que o governo tenha condições de gerar um crescimento na economia de 5% ao ano, a partir de 2007, conforme estimativa da equipe econômica. Considerando que, na relação com o público, tanto o jornalismo quanto a ciência são geradores de efeito de veracidade, recorre-se à autoridade de um Instituto de Pesquisa, re-validando o dizer institucional telejornalístico na suposta inquestionabilidade do dizer científico – ainda mais quando o Instituto em questão, mesmo vinculado ao governo, aponta *falhas* nas previsões do próprio governo.

O efeito notícia, no SBT Brasil, se dá na conjunção entre a *chamada* da apresentadora e o *link* (ligação entre pontos para transmissão ao vivo) do repórter, diretamente de Brasília. Além de inscrever a atualidade da notícia, no sentido de acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos de ordem econômica, diretamente no local, aponta-se uma instabilidade dos dados, naquele momento.



Chamada - Ana Paula Padrão: “A equipe econômica vai apresentar amanhã ao presidente Lula uma série de medidas para incentivar o crescimento da economia. O repórter Leandro de Souza está em Brasília. Boa noite, Leandro. O que que está sendo estudado?” / *Link* do repórter: “[...] segundo o ministro Paulo Bernardo, os investimentos vão permitir com que a redução é... dos gastos/dos impostos, ah ..., seja permitido em função, evidentemente, da... do corte de gastos. [...] O governo quer permitir a redução dos impostos a partir do próximo ano, permitindo crescimento econômico de 5% também. Ana Paula.” / Ancoragem de Ana Paula: “Obrigada Leandro. Vai ser difícil. Nada fácil não.”

Na função de âncora, Ana Paula sinaliza, tanto na fala quanto no gestual, a descrença nos índices de crescimento estimado pelo governo. É na posição de jornalista-editora que ela interpreta a informação. Mas é também, dessa posição, que ela reforça o efeito de realidade, pela exposição de informações tomadas por um criticismo. Ancora-se na autoridade de editora-chefe, colocando-se na condição de discutir os fatos. Na relação de diálogo com o repórter, instaura-se a realidade acontecendo em “tempo real”. Da função-repórter, expõe-se a realidade observada, tal como seria. Da função de âncora, produz-se uma *ponte* entre a realidade captada e a sua visibilidade ao público, isentando novamente a apresentadora-âncora, agora, na condição de “mediadora” entre a reportagem produzida e a recepção dessa reportagem pelo público.

Em *nota pelada*, no Jornal da Record, a negativização do governo Lula se dá também em meio a especulações, mantendo-se o efeito de distanciamento jornalístico no encontro entre verbal e imagem. No enquadramento em *plano médio*, visualizam-se apenas a apresentadora, sentada à mesa, sobre a qual se localizam as laudas do telejornal, e, no cenário de fundo, a imagem de Guido Mantega, ministro da Fazenda. Tal composição da imagem objetiva, no imbricamento com o verbal, a interpretação jornalística, expondo-a como realidade.



Nota Pelada - Adriana Araújo: “O ministro da Fazenda, Guido Mantega, nega rumores de que o Governo esteja preparando uma intervenção no câmbio. O ministro informou que a equipe econômica trabalhou hoje na finalização de um plano de ajuste fiscal de longo prazo, que será apresentado amanhã ao presidente Lula.”

Tais especulações, confrontadas a uma resposta da fonte, reinscrevem, no funcionamento da linguagem do telejornal, a garimpagem e a checagem de informação, o antecipar-se aos acontecimentos e a marcação do jornalismo como vigilante do social. O *fazer jornalístico*, advindo na textualização telejornalística, reacende a idéia de *seriedade* do jornalismo, e, por assim ser, retorna *nele*, e por meio *dele*, “o verdadeiro do telejornalismo”.

Jogando com a interpretação

Sintetizando o percurso analítico, pode-se afirmar que, do lugar de apresentador, o jornalista, invisibiliza-se como autor, ao mesmo tempo em que se legitima e legitima o dizer na autoridade que esta condição lhe confere. Algo análogo acontece quanto ao apresentador-âncora; até porque, tais funções tendem a se misturar. Ao mesmo tempo em que se busca marcar, na isenção, a sua autoridade e legitimidade para interpretar uma notícia, expondo-se, algumas vezes, à interpretação, procura-se, na própria exposição, *re*-afirmar o efeito notícia; ou mesmo o inverso.

No caso da construção das imagens do governo Lula, as imagens-sujeitos institucionais, tomados pela ilusão de isenção na condição de intermediador ou como o especialista autorizado a comentar os fatos são exploradas para sustentar o efeito verdade, seja na noticiabilidade informacional

seja na textualização do comentário. Dessa forma, o conjugar entre uma dada textualização verbal e as imagens institucionais desses sujeitos da noticiabilidade sustentam, a partir do mesmo conteúdo, as mesmas ou outras versões, no confronto entre o que se apaga e o que se põe à visibilidade. Como diz Orlandi (1997, p. 73), “a falha e o possível estão no mesmo lugar”.

REFERÊNCIAS

GUILLAUMOU, J.; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.